



Rumo à igualdade de gênero nas cadeias produtivas do Cerrado e da Amazônia

Solidaridad

Rumo à igualdade de gênero nas cadeias produtivas do Cerrado e da Amazônia

As últimas décadas foram marcadas por um processo de empoderamento das mulheres, paralelamente ao esforço de diversas instituições em adotar uma abordagem de gênero que permita identificar as desigualdades, reconhecer suas causas e formular estratégias para superá-las. A análise de gênero torna-se uma ferramenta de gestão para as organizações do setor agropecuário com o intuito de verificar se as atividades planejadas nos projetos contribuem ou não para alcançar igualdade e promover mudanças nas relações de gênero em diversos níveis, especialmente entre as famílias beneficiadas pelos projetos.

A inclusão de gênero faz parte da estratégia e da política da **Solidaridad**, visto que é um tema fundamental para a mudança sistêmica necessária para enfrentar os desafios e os impactos globais do crescimento populacional. Além disso, a **Solidaridad** almeja contribuir para a Agenda 2030 das Nações Unidas, especificamente o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5, que preconiza alcançar a igualdade de gênero e empoderar mulheres e meninas.

Sendo assim, a **Solidaridad Brasil** desenvolveu um estudo com o objetivo de avaliar as relações de gênero nas cadeias produtivas nos territórios de atuação de seus programas no Cerrado e na Amazônia. Com essa avaliação, buscou-se entender o contexto das mulheres e seus papéis, bem como identificar suas demandas e desafios em relação às unidades produtivas, ao território e ao setor. Dessa forma, foram feitas recomendações para aumentar a participação e autonomia delas. O estudo avaliou a cadeia da soja no Oeste da Bahia e as cadeias do cacau e pecuária na região da Transamazônica, no Pará.



MULHERES DA AGRICULTURA FAMILIAR NA REGIÃO DA **TRANSAMAZÔNICA PARAENSE**

A divisão por gênero do trabalho no campo é desigual entre homens e mulheres, de acordo com artigo de Maria da Conceição Moura e Renata Moreno para a revista Mediações. Na distribuição do tempo de trabalho produtivo, as autoras afirmam que trabalhadoras e produtoras rurais gastam, em média, **47,7 horas** por semana, contra **52 horas** observadas no grupo de trabalhadores e produtores rurais. Já o tempo gasto no trabalho doméstico e de cuidados, as mulheres gastam, em média, **79,7 horas** semanais, tempo bem maior que o dos homens, de **11,1 horas** por semana. Apesar de constituírem um número representativo no contexto total de produtor@s na agricultura familiar, é comum elas não terem o reconhecimento formal do trabalho que exercem dentro e fora das áreas rurais.

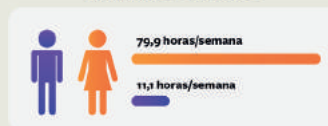
De uma forma geral, mulheres que atuam na agricultura familiar no Brasil, principalmente nos assentamentos rurais e em comunidades quilombolas e indígenas, não possuem documentos civis e jurídicos. Além disso, não têm acesso à educação e saúde, vivem em condições de extrema vulnerabilidade socioeconômica e, em muitos casos, sofrem violência doméstica.

Mesmo diante da situação da vulnerabilidade socioeconômica, **25% das mulheres rurais** são responsáveis, sozinhas, pelo sustento de suas famílias, segundo as estatísticas de gênero produzidas em 2015 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em artigo para a revista Parcerias Estratégicas, Sergio Schneider lembra que elas contribuem de forma efetiva na renda das famílias rurais por meio do acesso aos programas sociais como o Programa Bolsa Família – no qual são as beneficiárias –, que hoje representa mais de 10% da renda das famílias da agricultura familiar. Produtoras e trabalhadoras rurais também contribuem diretamente nas atividades produtivas – ainda que recebendo cerca de metade da remuneração dos homens – e na agregação dos ganhos obtidos com atividades informais, como comercialização de alimentos e prestação de serviços nas áreas urbanas.

Horas/semana em TRABALHO RURAL



Horas/semana em TRABALHO DOMÉSTICO



A PESQUISA NA REGIÃO DA TRANSAMAZÔNICA ENVOLVEU:



Diagnóstico prévio com levantamento de dados secundários



Entrevistas individuais com agricultoras, lideranças femininas de cooperativas e colaborador@s de empresas processadoras de cacau



Grupo focal com técnic@s agrícolas



Oficinas com grupo de mulheres e jovens

RESULTADOS

- A maioria das mulheres da agricultura familiar está isolada, sem autonomia e em posição de submissão em relação aos maridos;
- As agricultoras da região demandam mais cursos, maior suporte técnico para a organização da propriedade, estabelecimento de novos negócios, criação de cooperativas ou associações para a comercialização de produtos regionais, oportunidades de emprego fora da propriedade, espaços de cultura e diversão e criação de grupo de mulheres para discutir as necessidades e a vida em comunidade;
- A participação de mulheres em cooperativas ainda é muito limitada;
- É necessária a existência de espaços para que as mulheres sejam ouvidas e troquem conhecimento e experiências nas cooperativas e associações;
- As processadoras de cacau da região envolvidas no estudo têm consciência do desafio de atingir a igualdade de gênero na cadeia e estão preocupadas e dispostas a agir para esse fim. Entretanto, não possuem programas específicos em implementação.



A partir do diagnóstico realizado com as agricultoras e demais atores, recomenda-se a atuação a partir de três **áreas de intervenção** que reúnem temas e ações-chave para a inclusão de gênero nas cadeias produtivas da agricultura familiar:

1 AMPLIAÇÃO DE CONSCIÊNCIA E EMPODERAMENTO

Empoderar as mulheres a partir da ampliação de consciência sobre os seus direitos e conexão com conhecimentos, conteúdos e informações. Nesse processo, é importante fornecer referências inspiradoras de outras mulheres e territórios que estão avançando em direção à igualdade de gênero por meio de encontros periódicos para catalisar a rede de apoio entre elas.

Algumas temáticas recomendadas para os encontros:

- Saúde da mulher;
- Autoestima e feminismo;
- Violência contra a mulher;
- Meio ambiente;
- Valorização e valoração do serviço doméstico;
- Mulheres na agricultura;
- Masculinidade tóxica;
- Educação d@s filh@s;
- Alimentação saudável e sustentável;
- Direitos e deveres básicos;
- Planejamento familiar.

2 EMPREENDEDORISMO E GERAÇÃO DE RENDA

Ampliar esforços para a contratação de mulheres e buscar a igualdade no quadro de funcionários no território;

Fornecer serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) que fomentem a igualdade de gênero. Técnicos de campo devem convidar as mulheres para participar das visitas às propriedades e recomendar a presença em todos os treinamentos oferecidos, priorizando horários que facilitem a participação delas;

Criar condições e oportunidades para que as mulheres empreendam em **novos negócios**, como chocolates, doces artesanais e polpas de frutas;

Capacitar as agricultoras nas seguintes temáticas:



Comercialização
e gestão do negócio



Pacote Office



Noções básicas de
empreendedorismo



Educação financeira
e contabilidade

3 ARTICULAÇÃO EM REDE

Construir uma rede de articulação pela igualdade de gênero nas cadeias produtivas da agricultura familiar na região. O desafio é complexo e envolve um arcabouço de soluções e um portfólio de políticas convergentes, e somente a união de esforços da sociedade civil com os setores público e privado possibilitará o alcance deste objetivo.



O LUGAR DAS MULHERES NA CADEIA DE SOJA NO OESTE DA BAHIA

O número de mulheres em atuação no agronegócio aumentou em 8% entre 2004 e 2015, sobretudo em empregos formais. O crescimento da participação das mulheres, de acordo com a edição especial de 2019 da publicação “Mulheres no agronegócio”, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Universidade de São Paulo (USP), concentra-se na agroindústria e no setor de serviços, enquanto os homens ocupam cargos principalmente no setor primário, chamado de “dentro da porteira”. Elas também são minoria na administração de empreendimentos rurais não familiares. Segundo dados do Censo Agropecuário de 2017, elas são apenas 15% das proprietárias de estabelecimentos rurais no Oeste da Bahia.

Para entender a relevância da participação das mulheres na cadeia produtiva da soja no Cerrado, a pesquisa teve enfoque em dois municípios, Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, importante polo produtor da *commodity* no Oeste da Bahia. Foram levantados dados na literatura e realizadas entrevistas com mulheres que atuam no setor, mas também com homens que atuam em outros níveis da produção, como na comercialização de grãos e insumos, sindicatos e associações de produtor@s. Tanto representantes de empresas quanto de produtor@s locais afirmam que hoje as mulheres estão inseridas em todos os segmentos, inclusive em áreas em que sua participação era inexistente no passado. Elas passaram a atuar diretamente no campo, especialmente na prestação de serviços e operação de maquinário, mas ainda têm forte presença nos “bastidores” do agronegócio, ou seja, em postos que dão suporte à atividade.



A despeito de muitas vezes não aparecerem à frente dos negócios, as mulheres afirmam que têm total conhecimento sobre a parte gerencial e operacional. Elas desempenham atividades relacionadas principalmente à parte gerencial da fazenda e atuam junto a seus maridos, que geralmente são os representantes legais e tomadores de decisão.




Ainda é usual que a propriedade fique em nome dos homens. Porém, a participação societária nos negócios da família e regime de comunhão de bens no qual realizaram o matrimônio passam a garantir a posse do patrimônio pelas mulheres. Por outro lado, as mulheres também desempenham papéis fora da produção agrícola, o que pode refletir no menor número de mulheres como proprietárias das fazendas. Elas revelam, no entanto, a importância de promover uma sensibilização para que tomem consciência de que o patrimônio também é delas e que podem atuar em várias frentes dentro dos negócios da família. Isso, segundo elas, deve ser realizado de forma cuidadosa, para não gerar conflitos.

Apesar de a participação das mulheres ainda ser menor quando comparada a dos homens – o que é agravado pelo ambiente fortemente masculinizado –, também é verdade que há um claro ganho de espaço por parte das mulheres na cadeia produtiva.

RESULTADOS

- A presença feminina ainda é pequena “dentro da porteira”, ou seja, nas atividades diretamente ligadas ao cultivo de grãos nas fazendas ou unidades produtivas. Apenas **um a dois** em cada **dez** empregos são ocupados por mulheres neste segmento;
- O setor de grãos está em processo intenso de transformação e há uma recente abertura para novas possibilidades de atuação das mulheres;
- O número de mulheres proprietárias de estabelecimentos agropecuários ainda é pequeno e diminui na medida em que o tamanho das propriedades aumenta;
- Os cargos de liderança e representatividade setorial ainda são majoritariamente ocupados por homens.

As barreiras identificadas pelo estudo para uma maior participação das mulheres na cadeia da soja são diversas:

-  **Físicas**, com a ausência de alojamento específico para mulheres nas fazendas;
-  **Culturais**, como a naturalização em reservar menor número de oportunidades para as mulheres em algumas áreas e a ideia de que existem trabalhos femininos e masculinos;
-  **Políticos e institucionais**, já que as iniciativas para aumentar a igualdade de oportunidades para mulheres são muitas vezes restritas a programas pontuais.



O aumento da participação das mulheres no setor de grãos, assim como nos diversos setores econômicos no Brasil, é resultado principalmente do empoderamento e autonomia delas, seja pelo índice superior de escolaridade se comparado ao dos homens e pela formação de grupos regionais de mulheres do agronegócio. Iniciativas empresariais, de governos e da sociedade civil para alavancar a presença das mulheres em setores prioritariamente masculinos podem acelerar a participação delas do setor.

Algumas **ações estratégicas** focadas na cadeia da soja e que se aplicam a empresas, entidades representativas, propriedades agrícolas e terceiro setor são importantes:

- Diagnóstico sobre a ocupação das mulheres na organização. Quais cargos ocupam? Quais funções exercem?
- Ouvir as demandas das mulheres;
- Promover qualificação voltada para o público feminino, tanto em temas técnicos quanto sobre liderança;
- Parcerias com universidades e escolas técnicas para o recrutamento de mulheres;
- Estímulo à ocupação de postos de trabalho sem distinção de funções entre homens e mulheres;
- Divulgação de casos de sucesso de mulheres na cadeia;
- Sensibilização constante d@s funcionári@s sobre a importância da igualdade de gênero;
- Flexibilização de horário de trabalho para homens e mulheres que possuem filh@s pequen@s;
- Apoio no estabelecimento e formalização de grupos setoriais de mulheres.



REFERÊNCIAS

AGENDA 2030. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas (ONU). 2018. Disponível em: <http://www.agenda2030.org.br>

BARROS, G.S.C.; CASTRO, N.R.; GILIO, L.; SOUZA JUNIOR, M.L.; MORAIS, A.C.P.; ALMEIDA, A.N. Mulheres no Agronegócio. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), Piracicaba, v. 1, n. 1, 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de Gênero. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0>

Moura, M.C.D.; Moreno, R.F.C. A interdependência das esferas da reprodução e produção na produção de indicadores: reflexões a partir da experiência das mulheres rurais no sertão do Apodi. Revista Mediações. Dossiê – métodos e fontes de pesquisa em ciências sociais. Vol. 18, nº 2, 2013.

Schneider, S. Agricultura familiar e emprego no meio rural brasileiro: análise comparativa das regiões sul e nordeste Parcerias estratégias. Brasília, DF, 2006.



Solidaridad

Para saber mais:

www.solidaridadsouthamerica.org/brasil

brasil@solidaridadnetwork.org

 /solidaridadlatam

 /lat_Solidaridad

 company/solidaridadbrasil

 /solidaridadbrasil

Apoio:



NICFI Norway's
International Climate
and Forest Initiative

